

CENAS DE SEDUÇÃO OU OS AMORES PROIBIDOS DO PAI. ARACNE E O MITO DAS FIANDEIRAS

Viviana Velasco Martínez

Este trabalho tem como objetivo discutir a sedução que se desdobra da sexualidade do adulto, e que chega à criança na forma de uma mensagem enigmática a ser decifrada.

O mito de Aracne e das fiandeiras nos permite ilustrar essa relação entre um adulto e uma criança, marcada inevitavelmente por uma assimetria, pois se trata de um adulto, com a sua sexualidade recalcada que, junto com as suas ações de cuidado da criança, comunica inevitavelmente o seu inconsciente, para quem ainda não o tem. Isto é, a criança, inicialmente, está marcada por uma passividade que a torna dependente do adulto, é nessa situação de apego que o adulto, sem sabê-lo, exerce uma sedução sobre a criança. Uma sedução transmitida na forma de mensagens enigmáticas que, por ser excessiva impele a criança a imple a iniciar um trabalho de tradução, de compreensão, de conhecimento e ordenação disso desconhecido. Segundo Figueiredo (1994, p. 299) “(...) os enigmas provenientes do mundo adulto impõe à criança uma tarefa inexequível e inadiável, a de traduzir, a de teorizar, a de simbolizar; a de metabolizar o corpo estranho implantado pelas mensagens enigmáticas”.

É dessa maneira, que se organiza o seu psiquismo e seu inconsciente nascerá das mensagens que, pela impossibilidade de ser traduzidas serão recalcadas e isso dará lugar ao que Laplanche (1987, 1992, 1999) chama de objetos fontes da pulsão, instalando uma vocação para a tradução. Isso permite que a criança possa, num momento posterior, reiniciar os trabalhos de tradução, retraduzir, destraduzir num sentido bastante ativo.

De volta ao mito, ele nos permite enfocar a sedução que Zeus exerce sobre as mulheres e como essa sedução reverbera na sua filha Atena, de tal maneira que esta última não só recusa qualquer relação amorosa com um homem, seja mortal ou divino, mas castiga ferozmente Aracne, que com sua obra perfeita representa e revela explicitamente as cenas dos amores proibidos de Zeus, para todos os deuses do

Olimpo. A ira de Atena e o castigo que transforma Aracne numa aranha, são ilustrativos das possíveis traduções feitas diante da sexualidade do adulto que se comunica de forma sedutora jogando, neste caso Atena, sua filha, numa situação edípica.

O Mito de Aracne e as fiandeiras

Aracne, jovem e bela, órfã de mãe e filha de Ídmon, apresentava uma grande habilidade para a arte do bordado e do tecido, o que gerava grande admiração e, também, inveja entre as mulheres e ninfas. Estas últimas atribuíam essa habilidade superior à deusa Atena, filha preferida de Zeus e protetora das artes e habilidades manuais, sendo que a roca e o fuso a identificavam. (Brandão,1993).

Aracne recusa essa explicação para seu talento e afirma ser superior à deusa, que a escuta e se apresenta na figura de uma velha mulher. Tenta dissuadi-la de tamanha insolência, mas Aracne é irredutível.

Revela-se, então, Atena com todo seu esplendor e resolve castigá-la, exige que ambas apresentem uma peça tecida para os deuses do Olimpo para que eles decidam qual das duas era a melhor. Altiava e muito segura de si, Aracne aceita o desafio e junto com Atena apresentam seus trabalhos.

Atena mostra um magnífico tapete onde representa a grandeza divina, os doze deuses do Olimpo e suas façanhas e, em cada canto do tapete, são representados os castigos terríveis que os deuses infligiram aos humanos que ousaram desafiá-los.

Os deuses, ao ver a obra de Atena, sentem-se lisonjeados, contudo, o tapete de Aracne causa maior admiração, pois ele revela cenas dos amores ilícitos dos deuses, principalmente os de Zeus e duas amantes, em torno de quarenta.

O jurado não só aprecia a perfeição do tecido, mas se anima maliciosamente. Atena o examina, e percebe que Aracne seria a vencedora, mas como os deuses devem castigar aos humanos que os desafiam, e furiosa com as cenas representadas, rasga o tapete. Humilhada e transtornada, Aracne se enforca com o mesmo fio do tecido, porém, a deusa impede que morra, a suspende no fio como punição e a transforma numa aranha destinada a tecer sem descanso.

A sedução e seus desdobramentos

Se retiramos o argumento que a ordem divina estabelece interdições para os humanos, isto é não todos os desejos podem ser realizados, temos que a fúria de Atena e o castigo se justificam. Contudo, aqui destacamos, sobretudo, as várias cenas, quase quarenta, bordadas por Aracne, representando os amores proibidos de Zeus.

São cenas sensuais, arrebatadoras, em que Zeus usa todos os meios de sedução para possuir a mulher desejada, são, sobretudo, mulheres proibidas para o simples mortal. Assim temos Zeus que toma a forma humana, como um pastor ou um rei, e até como um sátiro para se satisfazer. Transforma-se fogo e até em fina chuva de ouro. E em animais, talvez seus preferidos, na forma de serpente, um toro, uma águia e um cisne. De todas as uniões, o deus tem filhos, muitos eles heróis, e tem também a fúria de Hera, sua esposa.

Quanto ao nascimento de Atena, vimos que ela nasce da cabeça do próprio deus, sem uma mãe, de tal maneira que uma estreita relação de cumplicidade se estabelece logo após o seu nascimento com seu pai, o deus dos homens e dos deuses.

Por outro lado, a característica de Atena, que nasce adulta, armada para a guerra e com a decisão de nunca aceitar um homem ou um deus na sua vida, nos indica por um lado que ela representa a mulher inabordável, e, portanto, a mãe, e, por outro, nos indica que talvez essa seja uma resposta ao excesso que a invade vindo desse pai sedutor ao extremo.

Talvez seja isso precisamente que exalta a deusa e a leva a destruir o tapete de Aracne que revela as cenas proibidas do pai, a potência do mesmo e, sobretudo, o dado de que para ele, um deus, não há mulher nem deusa inabordável.

Atena, diremos, tem que se haver com o que de sedutor o pai lhe comunica, mesmo que a consumação dos atos proibidos não a incluam.

Frente tamanha sedução, só resta uma tradução que nos leva ao edípico. Isto é, a da interdição – a mulher inabordável – como medida de proteção e defesa frente ao desejo. Quantas vezes não terá circulado a fantasia de ser ela mesma, a mulher perfeita para o pai, substituindo a mãe e, mais ainda, a única mulher capaz de satisfazê-lo¹.

¹ É essa precisamente a temática do filme brasileiro *Eu*, com Tarcísio Meira em que a efetivação de uma relação incestuosa se dá pela crença da filha que ela é a mulher ideal que o pai nunca encontra nos

A clínica mostra também, diversas fantasias edípicas que circulam decorrente de “algo” que o pai diz, como uma sedução, que precipitará a filha numa situação edípica, precisamente como o resultado de uma tradução disso que é enigmático porque inconsciente.

Referências

Brandão, J. S. (1996). *Mitologia Grega*. Vol. I. Petrópolis, Vozes.

Laplanche, J. (1987). *Novos fundamentos para a psicanálise*. (C. Berliner, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.

Laplanche, J. (1992). Implantation, intromission. In: *La révolution copernicienne inachevée: Travaux 1967-1992*. Paris: Aubier.

Laplanche, J. (1999). Court traité de l'inconscient. In: *Entre séduction et inspiration: l'homme*. Paris, Quadrige/PUF.